



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – FATECE
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ANALFABETISMO FUNCIONAL NO BRASIL

Jasmiria Aparecida Pereira dos Santos

Orientadora Prof.^a: Ana Carolina Steola

RESUMO

A taxa de analfabetismo no Brasil em sua grande maioria, era mais elevada em áreas rurais, e mesmo nos dias atuais, com grandes metodologias. Parte da dificuldade na leitura e compreensão pode partir do histórico de vida, e de todas as vivências em geral, e também do contexto socioeconômico. Ler e escrever, vai além de apenas ver e reconhecer letras e números, para que a pessoa seja alfabetizada, ela deve também entender e compreender, interpretando textos e comandos. O analfabetismo funcional deve-se ao reconhecimento das letras e à não compreensão do que se lê, e também à não interpretação de frases curtas. Importante salientar, que o analfabetismo funcional, não está presente somente na EJA, mas desde o início escolar, até mesmo no ensino superior. Saber ler de forma artificial, não faz do indivíduo alfabetizado, como se acreditava anos atrás, com a tecnologia avançando, para ser alfabetizado requer mais do que reconhecimento de letras, mas sim, a compreensão, interpretação, e a boa escrita. A pesquisa então, trouxe como resultados, estudos e métodos que

podem ser eficazes, se trabalhado corretamente com professores capacitados. Os métodos apresentados são eficazes, e já foram testados em diversos lugares, como por exemplo na Escócia, trazendo autores que apoiam as teses apresentadas, acreditando que há metodologias possíveis para diminuição do analfabetismo funcional no Brasil, com decorrer do tempo, e têm ainda autores que explicam e contextualiza a história deste termo.

Palavras chaves: analfabetismo funcional; taxa de analfabetismo; analfabetismo no Brasil.

ABSTRACT

The illiteracy rate in Brazil, for the most part, was higher in rural areas, and even today, with great methodologies. Part of the difficulty in reading and comprehension may come from life history and all experiences in general, as well as from the socioeconomic context. Reading and writing go beyond just seeing and recognizing letters and numbers; for a person to be literate, they must also understand and comprehend, interpreting texts and commands. Functional illiteracy is due to the recognition of letters and the non-comprehension of what is read, and also to the non-interpretation of short phrases. It is important to point out that functional illiteracy is not only present in EJA but from the beginning of school, extending to higher education. The research then brought forth results, studies, and methods that can be effective if implemented correctly with trained teachers. The presented methods are effective and have already been tested in various places, such as Scotland, bringing in authors who support the presented theses, believing that there are possible methodologies to reduce functional illiteracy in Brazil over time. There are also authors who explain and contextualize the history of this term.

Keywords: functional illiteracy; illiteracy rate; illiteracy in Brazil.

Introdução

O propósito desta pesquisa é desenvolver um projeto que aborde o impacto do analfabetismo funcional na sociedade brasileira, tanto no contexto educacional quanto além dele. Nosso objetivo é compreender como podemos melhorar as abordagens de ensino, tornando-as mais significativas e eficazes, a fim de promover a alfabetização e a letramento, contribuindo para uma educação de qualidade e conceitos positivos. Buscamos conhecer e compreender a natureza do analfabetismo funcional e como isso afeta o dia a dia das pessoas afetadas por esse problema, visando desenvolver intervenções mais significativas e eficazes no processo de aprendizagem.

Em termos simples, o analfabetismo funcional é a incapacidade de compreender textos e frases simples, apesar de muitas vezes ser capaz de reconhecer letras e números. Esta pesquisa tem como objetivo oferecer insights e soluções para abordar esse desafio educacional e melhorar a qualidade de vida das pessoas afetadas por ele.”

Toledo (2006) fala sobre a evolução da definição de alfabetismo ao longo do *tempo. Em meados de 1958, considerava-se que uma pessoa era alfabetizada apenas por saber ler ou escrever uma frase simples. No entanto, com os avanços tecnológicos e no ensino, essas habilidades já não são suficientes para ser considerado alfabetizado nos dias de hoje.

No Brasil, o analfabetismo funcional é mais prevalente do que muitos podem supor. Como apontado por Pereira et al. (2023) uma parcela significativa da população, especialmente em áreas rurais, enfrenta desafios consideráveis na leitura e na escrita, restringindo-se ao reconhecimento superficial de letras e caracteres, sem compreender o conteúdo. Essa realidade destaca a necessidade urgente de estratégias eficazes para promover a verdadeira alfabetização, que transcende a mera identificação de elementos linguísticos e busca uma compreensão mais profunda do material escrito.

Segundo as observações de Toledo (2009), não é incomum depararmos com indivíduos considerados "alfabetizados", mas que enfrentam dificuldades em compreender mensagens simples, como uma carta, um aviso ou um anúncio de

jornal. Esta dificuldade não se restringe apenas a pessoas em contextos rurais; ela também afeta estudantes universitários de diversas áreas, tanto humanas quanto exatas. Esses estudantes enfrentam obstáculos na interpretação de textos ou enunciados de questões em provas e concursos, resultando em desempenhos aquém do desejado.

O termo "analfabetismo funcional" teve origem nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, em 1930, quando o exército norte-americano começou a utilizá-lo para avaliar a capacidade de entender instruções e escrita. Popularizou-se nos anos seguintes, sendo empregado até hoje para referir-se a pessoas com dificuldades na alfabetização e no letramento. Sua definição está atrelada à habilidade limitada de compreender, usar e interpretar a informação escrita em situações cotidianas. (Ribeiro, 1997)

Embora a taxa de analfabetismo tenha diminuído no Brasil, o analfabetismo funcional ainda atinge uma grande população. Apenas 8% da população entre os 15 e 65 anos entende plenamente e é capaz de se expressar corretamente. (IBGE, 2017)

Alunos que frequentaram a escola regularmente, contudo, não conseguiram se apropriar das práticas oferecidas, representam uma realidade observada por Cordeiro (2011). Segundo o autor, mesmo após vários anos de escolarização, esses alunos não conseguem incorporar de forma efetiva as práticas propostas pela instituição, resultando em muitos deles à margem de um letramento eficaz. Toledo (2009) destaca o paradoxo de vivermos em uma sociedade letrada, enquanto muitos indivíduos ainda não dominam plenamente a linguagem escrita.

Segundo dados do INAF (Indicador de Analfabetismo Funcional), uma das principais causas do analfabetismo funcional é a falta de acesso à educação de qualidade. A pobreza e a desigualdade social também são fatores significativos que contribuem para a persistência de altas taxas de analfabetismo.

Esta pesquisa literária está dedicada a compreender o analfabetismo funcional e a identificar métodos potenciais para alfabetizar mais pessoas, capacitando-as a compreender e interpretar textos.

Neste trabalho, será realizada uma investigação completa com o principal objetivo de compreender as taxas de analfabetismo funcional, identificar maneiras adequadas de auxiliar as pessoas em sua alfabetização e entender o funcionamento

do analfabetismo funcional. A abordagem incluirá a exploração teórica do significado deste termo e o estudo de pontos para possíveis melhorias.

A contextualização e taxas do Analfabetismo Funcional

O termo "analfabetismo funcional" está relacionado a pessoas que sabem ler e escrever, porém são incapazes de interpretar a leitura e utilizar a escrita no dia a dia. No Brasil, esse tipo de analfabetismo é atribuído a indivíduos com mais de 20 anos de idade que não completaram quatro anos de estudo formal, embora essa definição possa variar entre países. Para uma compreensão mais profunda, é crucial entender que esse conceito abrange aqueles que reconhecem letras e números, mas enfrentam dificuldades em compreender os textos e/ou conteúdos lidos. (MENEZES, 2002, p.p1)

A origem desse conceito remonta à década de 1930 nos Estados Unidos, quando o exército norte-americano utilizou o termo para avaliar a capacidade de entender instruções escritas durante a Segunda Guerra Mundial (Castell; Luke & MacLennan, 1986). A UNESCO adotou o termo em 1978, contribuindo para sua disseminação global e visando padronizar estatísticas. Mesmo com a diminuição da taxa de analfabetismo no Brasil, o analfabetismo funcional persiste como um desafio, afetando até mesmo estudantes no ensino superior, desmitificando a ideia de que está exclusivamente relacionado à baixa escolaridade, tornando-se um desafio enfrentado por muitos, inclusive em níveis mais avançados de ensino.

Em 2018, o Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF), mostra que 71% da população brasileira pode ser considerada funcionalmente alfabetizada, dois pontos percentuais abaixo do índice registrado em 2015. Apesar desse recuo, vale destacar o crescimento, no mesmo período, das pessoas que estão no nível Proficiência (de 8% para 12%), o que significa que são capazes de elaborar textos de diferentes tipos e interpretar tabelas e gráficos. (Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020 – Inaf- Indicador de Analfabetismo Funcional, [s.d.]). (Cruz; Monteiro, 2020, p. 85)

O analfabetismo funcional acarreta consequências significativas em várias áreas da vida de um indivíduo, tais como a vida profissional, a busca por emprego, a autoestima, a participação cívica e a capacidade de lidar com questões de saúde. É fundamental destacar a distinção entre analfabetismo e analfabetismo funcional, conforme ressaltado por Ribeiro (1997). Enquanto o analfabeto é incapaz de compreender textos, realizar operações matemáticas simples e organizar suas

próprias ideias para expressão, o analfabeto funcional consegue identificar e ler números, letras e frases, embora enfrente dificuldades ao reunir e interpretar informações de forma abrangente.

A fim de reduzir essas taxas, é crucial investir em educação de qualidade e implementar programas de alfabetização com ênfase na decodificação das palavras, bem como na compreensão e interpretação de textos. Vale ressaltar que, para lidar com o analfabetismo funcional, as abordagens metodológicas devem ser adaptadas de acordo com os contextos e necessidades específicos (Lima, 2021).

A abordagem metodológica de Paulo Freire, citada por Ribeiro (1997), emerge como uma eficaz estratégia para combater o analfabetismo funcional. Essa metodologia enfatiza a conscientização e a transformação social através da leitura crítica do mundo, buscando envolver os alunos no processo de aprendizagem e estimulando a reflexão sobre sua própria realidade.

A priorização do letramento em métodos de desenvolvimento é crucial para superar o analfabetismo funcional, não se restringindo apenas ao âmbito escolar. É essencial incorporar práticas diárias que enfoquem leituras críticas, capacitando indivíduos a elaborar e compreender textos com eficácia (Mello; Oliveira, 2021).

Ainda segundo o INAF, o analfabeto funcional, tem uma capacidade razoável de utilizar os conhecimentos básicos.

É considerada analfabeto funcional a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever algo simples, não tem as competências necessárias para satisfazer as demandas do seu dia a dia e viabilizar o seu desenvolvimento pessoal e profissional (Instituto Paulo Montenegro – INAF, site oficial).

Uma das características marcantes foi a tentativa de ir além de uma concepção acadêmica. No ano de 1980, a concepção de analfabetismo foi grandemente questionada por um conjunto de estudos, que tiveram enfoque no estudo a partir de contextos específicos. (Scribner; Cole, 1981; Heath 1986; Cook-Gumperz 1991).

Abordando uma perspectiva contemporânea, o termo em questão acarreta diversas consequências para os indivíduos, como a dificuldade em aplicar conceitos matemáticos básicos, a interpretação limitada de textos, a exclusão social e a falta de habilidades profissionais, resultando em perda de autoestima e atrasos na integração ao cotidiano tecnológico. Como estratégia eficaz para reduzir as taxas de

analfabetismo funcional, destaca-se o foco no estudo da linguagem. Atividades como leitura, produção de textos e aprofundamento no conhecimento gramatical têm o potencial de promover significativamente essa diminuição.

Alfabetização é o processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Entretanto, esse aprendizado vai muito além de transcrever a linguagem oral para a linguagem escrita. Alfabetizar-se é muito mais do que reconhecer as letras e saber decifrar palavras. Aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código lingüístico gráfico e tornar-se, de fato, um usuário da leitura e da escrita.”(Cagliari, 1989)

Ferreiro (1993, p.16) levanta questionamentos sobre o papel da escola como principal perpetuadora do analfabetismo e enfatiza claramente que a solução, ao contrário do que se acredita, não está restrita apenas à organização de campanhas de alfabetização. Mesmo que tais campanhas obtenham sucesso, elas não asseguram o alcance das metas de alfabetização nem são duradouras o suficiente para cumprir eficazmente esse propósito.

“O conceito de analfabeto funcional, como o próprio adjetivo indica, deve, contudo, repousar sobre a falta de competência do indivíduo para ler e escrever os textos dos quais necessita em sua vida cotidiana familiar, social e de trabalho”. (Scliar-Cabral, 2013, p.27).

Na Escócia, destaca-se um programa que tem alcançado resultados positivos na redução do analfabetismo funcional. O plano de trabalho do programa, conforme documentado pelo Education Guardian em 2007, abrange diversas estratégias, incluindo:

- Ênfase na educação infantil;
- Desenvolvimento da consciência fonológica na pré-escola;
- Uso do método fônico sintético e Enfoque multissensorial de Montessori;
- Material pedagógico elaborado a partir de pesquisas (*Jolly Phonics*);
- Atividades de intervenção, com equipe de professores especialmente treinados;
- Avaliação e monitoria contínuas;
- Tempo extra para a leitura no currículo;
- Assessorias às famílias;
- Implementação de um entorno de letramento na comunidade.

Apesar dos projetos e professores qualificados no Brasil, a persistência do analfabetismo funcional no país é um desafio constante. A redução significativa dessa realidade proporcionaria uma melhoria considerável na qualidade de vida cotidiana, familiar e profissional para muitas pessoas, além de prevenir que crianças enfrentem essa dificuldade. Entretanto, os dados de 2019 revelam uma triste realidade, com 11,3 milhões de pessoas acima de 15 anos incapazes de ler e escrever, representando 6,8% para essa faixa etária. Notavelmente, há uma discrepância entre mulheres e homens, com 6,6% para as mulheres e 7% para os homens (PNAD, 2019).

Garcia (1990) oferece uma definição esclarecedora de analfabeto funcional, descrevendo-o como alguém incapaz de ler e utilizar a leitura, escrita e aritmética para o desenvolvimento pessoal e comunitário. Por outro lado, Toledo (2009) destaca a contradição de uma sociedade letrada em que o indivíduo não domina a linguagem escrita.

Essas dificuldades, presentes dentro e fora das salas de aula, estão relacionadas à questão do letramento ou do alfabetismo funcional que, segundo estudos recentes, refere-se às habilidades de leitura e escrita de textos em diferentes gêneros e funções sociais. Ou seja, a criança e o adolescente aprendem as letras, as sílabas, as palavras no processo inicial da alfabetização, mas não conseguem aprender a fazer o uso da palavra escrita de maneira significativa e criativa em seu cotidiano. (Toledo, 2009, P.14).

Conforme mencionado anteriormente, o analfabetismo funcional impacta negativamente a vida pessoal, os níveis salariais, a qualidade de vida e restringe as oportunidades de emprego, além de limitar a capacidade intelectual para lidar com os desafios e conflitos da sociedade (Toledo, 2009).

Metodologia

A metodologia adotada neste trabalho será de abordagem qualitativa, com um enfoque específico no tema do analfabetismo funcional no Brasil. O início da busca será realizado de maneira simples, utilizando palavras-chave como 'analfabetismo funcional', 'taxa de analfabetismo' e 'analfabetismo no Brasil'. No entanto, a busca inicial, realizada no Google e em sites como Educa Brasil, não proporcionou uma cobertura completa dos artigos disponíveis na rede. Diante disso, foi necessário

realizar uma busca mais avançada, utilizando artigos provenientes de fontes confiáveis, como Scielo, Inaf e a revista REASE. Estes artigos foram encontrados através do Google Acadêmico, garantindo assim uma seleção mais criteriosa e embasada para a análise proposta neste estudo.

Para melhor entender, segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa está na sociologia e antropologia. Este tipo de pesquisa envolve uma abordagem interpretativa do mundo. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que "a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Dentre as metodologias e artigos aqui apresentados, autores como Castell e Luke têm desempenhado papéis significativos ao longo da história e frequentemente referenciam esses temas em diversos artigos. Além do emprego de palavras-chave, a pesquisa foi impulsionada pelo desenvolvimento de perguntas orientadoras, visando obter respostas e explorar temas relevantes para este trabalho. As seguintes indagações foram formuladas:

- O que caracteriza o analfabetismo funcional?
- Quais métodos ou abordagens demonstram eficácia na redução do analfabetismo funcional, especialmente no contexto da educação básica escolar?

Dessa forma, a pesquisa foi conduzida com base nas perguntas predefinidas e nas palavras-chave já mencionadas, tais como: analfabetismo funcional, taxa de analfabetismo e analfabetismo no Brasil. Esse processo resultou na identificação de diversos textos, contudo, alguns apresentavam informações incompletas ou não estavam diretamente relacionados ao tópico em questão.

Diante dessa diversidade, foram selecionados os textos e artigos que melhor se alinhavam ao tema, destacando-se pela qualidade e referencial teórico. Essa seleção criteriosa visou garantir a utilidade e confiabilidade de todos os dados coletados, assegurando, assim, a condução de uma pesquisa de alta qualidade.

Para as pesquisas mais atuais, delimitou-se um espaço de tempo de aproximadamente onze anos, a qual se compara os índices de analfabetismo funcional, e de alfabetização, desde o início do assunto até os dias atuais, onde ainda procura-se métodos e formas para que a taxa de analfabetismo funcional diminua.

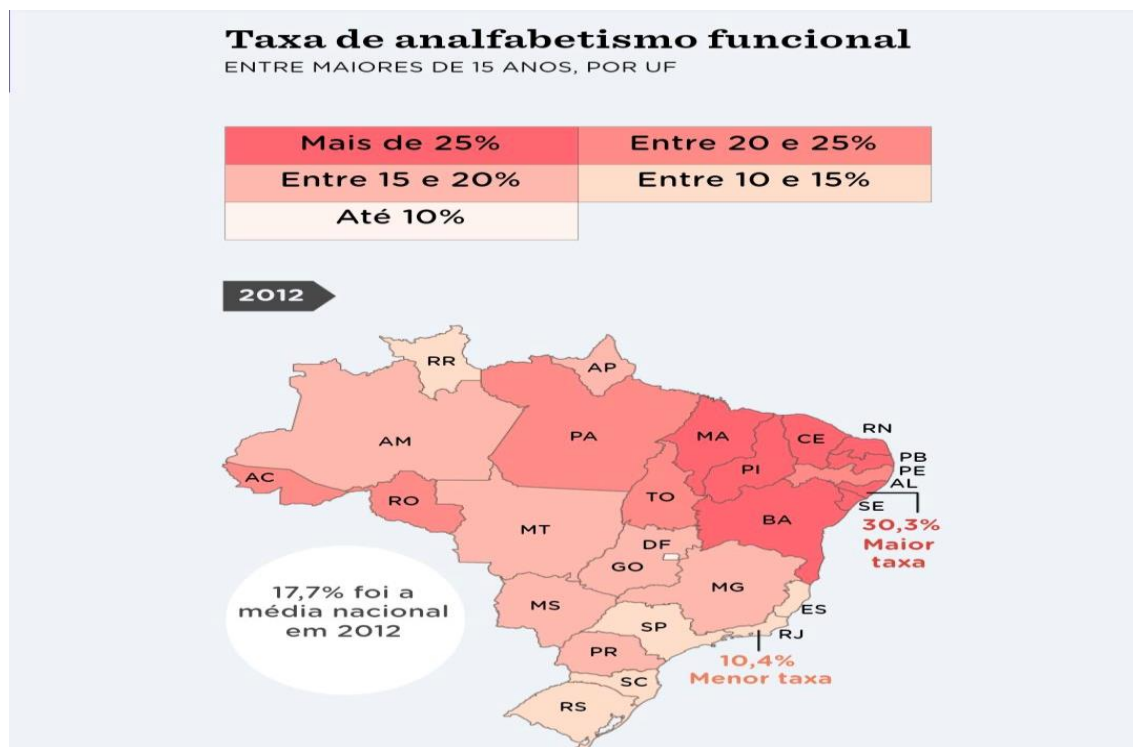
Analisando os resultados encontrados nas plataformas acima citado, como Scielo e no site do Inaf, foi possível observar que cada portal transmite o saber de uma maneira, assim como no Scielo a pesquisa é de caráter educacional, com base em autores, historiadores e educadores, que veem no dia-a-dia a dificuldade que muitas pessoas enfrentam em sala de aula para aprender a ler e escrever, e saber interpretar textos, já pelo site do Inaf os dados são compartilhados em forma de pesquisa através do IBGE por exemplo, fazendo levantamento de dados, de acordo com informações obtidas pela população.

Resultados e Discussões

A taxa de analfabetismo funcional no Brasil, registrada em 2021, atingiu 29% da população. Em resposta a esse desafio, algumas escolas na região Sul do país adotaram estratégias para melhorar e reduzir esse índice. Uma dessas iniciativas consistiu na arrecadação de livros, visando incentivar a leitura desde a educação infantil, com o propósito de tornar os estudantes mais proficientes e funcionalmente capazes.

Esta pesquisa está focada em investigar como e o que pode ser feito para diminuir a taxa de analfabetismo funcional. A abordagem defendida destaca a importância da concretização significativa da alfabetização e letramento, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades de leitura, escrita, interpretação e compreensão. Com o aumento nos níveis de alfabetização, observou-se uma leve redução na taxa de analfabetismo funcional de 2012 a 2021. Em 2012, a média nacional era de 17,7%, diminuindo para 11,4% em 2021. Esses dados indicam uma tendência positiva associada ao crescimento nos níveis de alfabetização.

Imagem 1



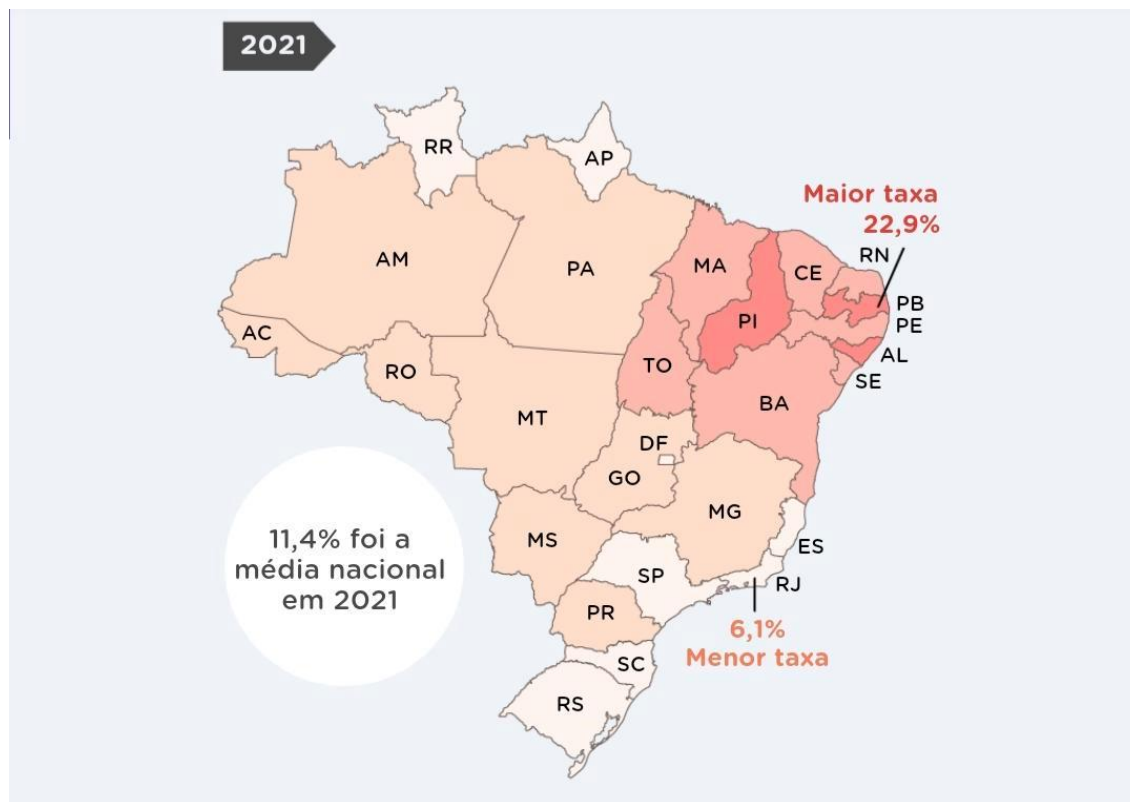
Fonte: (<https://pp.nexojornal.com.br/Dados/2023/05/19/A-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-e-o-analfabetismo-funcional-no-Brasil> – Obtidas pela PNDA (Pesquisa Nacional por amostra Domicílios Contínua) realizada pelo IBGE).

A análise dos mapas revela aspectos importantes sobre a distribuição das taxas de analfabetismo funcional no Brasil ao longo do tempo. No mapa de 2012, destacam-se claramente as áreas com as maiores e menores taxas, permitindo uma comparação direta com a média nacional. Essa visualização geográfica é crucial para identificar disparidades regionais e compreender os desafios específicos enfrentados por diferentes áreas do país naquele ano.

No entanto, ao observar o mapa de 2021, nota-se uma mudança positiva, indicando uma redução nas taxas de analfabetismo funcional em diversas regiões. Essa diminuição é um sinal encorajador, sugerindo que as estratégias e intervenções implementadas ao longo do tempo podem ter contribuído para uma melhoria geral.

É importante destacar que, ao analisar a queda nas taxas, é necessário considerar diversos fatores, como investimentos em educação, programas governamentais, iniciativas locais e políticas de alfabetização.

Imagem 2



Fonte: <https://pp.nexojornal.com.br/Dados/2023/05/19/A-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-e-o-analfabetismo-funcional-no-Brasil> – Obtidas pela PNDA (Pesquisa Nacional por amostra Domicílios Contínua) realizada pelo IBGE).

É relevante salientar que os dados apresentados representam as informações mais recentes disponíveis, permitindo uma comparação ao longo dos anos e uma análise do panorama atual do analfabetismo funcional no Brasil. Nota-se que tais números servem como base para a formulação de metas, sendo a meta estabelecida até 2024 a redução da taxa para 8,9%. O Instituto Nacional de Avaliação da Educação (Inaf) emerge como o principal gestor dessas estatísticas, desempenhando um papel crucial na condução de pesquisas e na coleta de dados referentes ao analfabetismo funcional.

Quadro 1. Quadro de artigos, títulos e objetivos sobre o analfabetismo funcional.

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVOS
Ação Educativa, Instituto Paulo Montenegro, 2018	Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF- Brasil) 2018- Resultados Preliminares	Mostrar que os números de analfabetas funcionais são maiores que se imagina, 3 em cada 10 brasileiros são analfabetas funcionais.
Cruz e Monteiro, 2020	Anuario Brasileiro de Educação Básica 2020	Apresentar que houve um recuo na alfabetização, assim apresenta que os índices diminuíram, o que significa que cresceu porcentual de analfabetas funcionais subiu.
Castells. 1986	On defining literacy. Literacy, society, and schooling a reader	Inteirar que o termo citado no titulo deste trabalho, é utilizado desde a decada de 1930, surgindo assim na segunda guerra mundial.
Candido, 2011	Desafios contemporaneos da educação brasileira- letramento(s)	apresentar como principal objetivo falar sobre crianças e adolescentes que vão à escola, mas não se apropriam das praticas apresentadas na escola.
Toledo, 2009	Analfabetismo funcional, linguagem e inclusão social. Leitura transdisciplinar de telas e textos 2009	Alerta sobre uma sociedade com individuos letrados, mas que não dominam a linguagem escrita.

Cada autor, conforme evidenciado no quadro, aborda o tema do analfabetismo funcional de maneiras distintas, proporcionando perspectivas variadas sobre a problemática. Segundo Toledo (2009), a sociedade contemporânea não está saindo das instituições educacionais devidamente preparada para a interpretação de textos, contribuindo para as persistentes taxas de analfabetismo funcional. Essa observação levanta questionamentos sobre a eficácia dos métodos tradicionais de alfabetização e letramento. Para a melhoria desse cenário, Toledo argumenta que são necessários investimentos substanciais e profissionais altamente qualificados, visando a redução do analfabetismo ao longo dos anos.

No entanto, durante a condução da pesquisa, deparamo-nos com uma abundância de artigos caracterizados por uma abordagem superficial, que, lamentavelmente, não ofereceram contribuições significativas para o entendimento aprofundado do tema principal desta pesquisa. Muitos desses trabalhos apresentaram tangências e exploraram questões paralelas, divergindo do foco central e deixando lacunas consideráveis na obtenção de dados essenciais. Esta constatação gerou uma instigante reflexão sobre a necessidade de critérios mais rigorosos ao selecionar fontes e aprimorar a delimitação do tema.

Essa ambiguidade e desafio enfrentados durante a pesquisa ressaltam a importância de abordagens metodológicas mais criteriosas e da seleção cuidadosa de fontes confiáveis. A busca pela compreensão plena do analfabetismo funcional demanda não apenas uma análise das visões dos especialistas, como apresentado no quadro, mas também a avaliação cuidadosa da qualidade e relevância dos recursos utilizados, a fim de contribuir significativamente para o avanço do conhecimento sobre esse fenômeno complexo.

Considerações Finais

Com base na extensa leitura e análise realizada, torna-se evidente que o analfabetismo funcional, ao se diferenciar do analfabetismo tradicional, compartilha interconexões complexas e contribui para as dificuldades enfrentadas por uma considerável parcela da população brasileira. Enquanto o analfabeto funcional reconhece letras, números e frases, sua incapacidade de interpretar e compreender contrasta com o analfabeto comum, que muitas vezes não reconhece sequer as letras básicas, números e, em alguns casos, até mesmo o próprio nome.

As pesquisas indicam que há possibilidades de redução desses percentuais, porém a erradicação do analfabetismo funcional parece distante, conforme ressalta o Instituto Nacional de Avaliação da Educação (INAF), que estabelece a meta de redução para até 9,8% até 2024.

A implementação de métodos educacionais, como os preconizados por Paulo Freire, ou a adoção de práticas semelhantes às utilizadas na Escócia, juntamente com a promoção de espaços de leitura em cada sala de aula, emerge como uma estratégia promissora. Tais abordagens visam incentivar a leitura, desenvolver habilidades necessárias para a alfabetização e letramento, e contribuir para a redução das taxas de analfabetismo funcional.

Investir em iniciativas como a expansão de aulas de leitura, a criação de bibliotecas com acesso gratuito a livros, e a introdução de variados temas e gêneros textuais são cruciais para mitigar as consequências negativas do analfabetismo funcional. Essas ações não apenas fortalecem a próxima geração contra desafios como desemprego e ansiedade, mas também promovem um aprendizado significativo que transcende os limites do ensino fundamental, estendendo-se ao longo da vida escolar.

No entanto, é fundamental reconhecer que, neste contexto de pesquisa, o objetivo principal foi compreender e contextualizar o analfabetismo funcional, entendendo seus impactos financeiros e pessoais. O comprometimento profissional, as dificuldades na autoestima e as implicações pessoais demonstram a amplitude das consequências desse fenômeno. Para combater efetivamente o analfabetismo funcional, é necessário o desenvolvimento de políticas públicas mais abrangentes, um

aumento na promoção da leitura e uma abordagem mais significativa da alfabetização ao longo de toda a trajetória educacional.

Referencias

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1990

CASTELL, S; LUKE, A. & MACLENNAN. "On defining literacy". In: CASTELL, S. LUKE, A. & EGAN, K. (eds.). Literacy, Society and Schooling: A reader Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

CORDEIRO, R. B. G. Desafios contemporâneos da educação brasileira – Letramento(s). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 6, Natal. Anais. Natal, 2011.

CORREIA, Jorge Luiz Pereira et al. Analfabetismo funcional no Brasil. Ciências Sociais Aplicadas, Volume 28 – Edição 129/DEZ 2023, 05/12/2023.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FERREIRO, E. Com todas as Letras. 4º edição. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

LIMA, Edivilma Santana de. Práticas de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental: teorias, normas e formação docente. 2021. 261 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete analfabetismo funcional. Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2006.

Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/analfabetismo-funcional/> acesso em 27 set 2013.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Analfabetismo funcional** (verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil. São Paulo:Midiamix,2002.Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=132> Acesso Em: 01 out. 2010

MELLO, Roseli Rodrigues de; OLIVEIRA, Cristiane Fontes de. Atualidade de Paulo Freire e a alfabetização na educação do campo. Educ. Soc., Campinas, v. 42, n. 155, p. 1-17, dez. 2021. Disponível em: [SciELO - Brasil - ATUALIDADE DE PAULO FREIRE E A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATUALIDADE DE PAULO FREIRE E A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO](#) . Acesso em: 08 jan. 2024.

PEREZ, Luana Castro Alves. “Analfabetismo Funcional”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analfabetismo-funcional.htm>. Acesso em 27 set 2023.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. Educ. Soc., Campinas, v. 18, n. 60, p. 15-34, dez. 1997. Disponível em: [_](#). Acesso em: 08 jan. 2024.

SCLIAR-CABRAL, L. **Sistema Scliar de alfabetização: fundamentos**. Florianópolis: Lili, 2013.

TOLEDO, L. S. **Alfabetismo funcional, linguagem e inclusão social. Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos** 2009. Belo Horizonte, v.5, n.10, p. 22. Disponível Em: <file:///C:/Users/hp1/Downloads/10047-28783-1-SM.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.